

Karina Sales Vieira
Ana Maria Freitas Teixeira

NARRATIVAS DE ESTUDANTES BOLSISTAS: O SENTIDO DA UNIVERSIDADE E A RELAÇÃO COM O SABER

RESUMO

Este artigo, que é um recorte de uma dissertação de mestrado em Educação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, busca apresentar a relação dos estudantes ingressantes em uma instituição privada de ensino superior com a universidade, com os programas Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), o Programa Universidade para Todos (ProUni), o Programa de Acolhimento (ProVIDA) e por fim, com o saber. O Centro Universitário AGES (UniAGES) foi o campo da pesquisa. Participaram dessa etapa seis estudantes de primeiro e segundo períodos com os quais foi aplicada uma entrevista semi-estruturada. Primeiramente o artigo apresenta os eixos teóricos seguidos da análise do sentido atribuído pelos estudantes à universidade e aos programas. Concluiu-se que a universidade era vista como um espaço inalcançável, inabitável, reconhecendo os programas como oportunidades de poder fazer um curso, realizar sonhos, ter um emprego e a esperança de uma vida melhor. São estudantes que rompem barreiras e buscam por meio das bolsas a realização de seus sonhos.

Palavras-chave: Universidade. Acadêmicos bolsistas. Relação com o saber.

SCHOOL STUDENT NARRATIVES: THE SENSE OF THE UNIVERSITY AND THE RELATIONSHIP WITH KNOWLEDGE

Abstract

This article, which is a clipping of a master's dissertation in Education presented in the Graduate Program in Education (PPGED) of the Federal University of Sergipe, seeks to present the relationship of students entering a private institution of higher education with the university, the programs: Student Financing Fund (Fies), the University for All Program (ProUni), the one implemented by the Institution, the Host Program (ProVIDA) and therefore, with knowledge. The AGES University Center (UniAGES) was the field of research. Six first and second students participated in this stage, with which a semi-structured interview was applied. Firstly, the article presents the theoretical axes, followed by the analysis of the meaning attributed by the students to the university and the programs. It is concluded that the university was seen as an unreachable space, can be said to be uninhabitable, so they recognize the programs as opportunities to take a course, make dreams come true, have a job and hope for a better life. They are students who break barriers and seek through their scholarships the fulfillment of their dreams.

Keywords: University. Scholars. Relationship with knowledge.

NARRATIVAS ESTUDIANTILES: EL SENTIDO DE LA UNIVERSIDAD Y LA RELACIÓN CON EL CONOCIMIENTO

Resumen

Este artículo, que es un recorte de una disertación de maestría en Educación presentada en el Programa de Posgrado en Educación (PPGED) de la Universidad Federal de Sergipe, busca presentar la relación de los estudiantes que ingresan a una institución privada de educación superior con la universidad, los programas: Fondo de Financiación Estudiantil (Fies), el Programa Universidad para Todos (ProUni), el implementado por la Institución, el Programa Anfitrión (ProVIDA) y, por lo tanto, con conocimiento. El Centro Universitario AGES (UniAGES) fue el campo de investigación. Seis alumnos de primero y segundo participaron en esta etapa, con la cual se aplicó una entrevista semiestructurada. En primer lugar, el artículo presenta los ejes teóricos, seguido del análisis del significado atribuido por los alumnos a la universidad y los programas. Se concluye que la universidad fue vista como un espacio inalcanzable, puede decirse que es inhabitable, por lo que reconocen los programas como oportunidades para tomar un curso, hacer realidad los sueños, tener un trabajo y esperar una vida mejor. Son estudiantes que rompen barreras y buscan a través de sus becas el cumplimiento de sus sueños.

Palabras clave: Universidad. Eruditos. Relación con el conocimiento.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa que procurou compreender a relação estabelecida entre estudantes que ingressam em uma instituição privada de ensino superior e a formação universitária, mais especialmente a relação que estabelecem com o saber acadêmico. Para alcançar este propósito foi utilizado como referencial a teoria da Relação com o Saber desenvolvida por Bernard Charlot (2000, 2001, 2005, 2009). A tônica desse estudo foi provocada pelo movimento de expansão do setor privado de ensino superior e seus reflexos sobre o processo de democratização do acesso a esse nível de ensino, garantida pelos programas de financiamento a exemplo do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), Programa Universidade para Todos (ProUni) e mesmo o Programa de Acolhimento (ProVIDA). Esse cenário trouxe para a universidade um público mais heterogêneo quando comparado com aquele que, tradicionalmente, obtinham diplomas de nível superior. Além desse aspecto, a motivação considerou as relações singulares estabelecidas entre os sujeitos e a universidade, o saber e os diferentes programas de financiamento.

Nessa perspectiva, analisando a população discente do Centro Universitário AGES verificou-se que essa expansão, também ocorrida na instituição, engendrou um público acadêmico marcadamente distinto em termos das suas origens sociais e culturais. O Centro Universitário AGES (UniAGES), o campo onde a pesquisa ocorreu, está localizado no estado da Bahia em um município de pequeno porte. Suas origens datam de 1982 como Escola de Educação Básica, e em 2001 se projeta como instituição de Ensino Superior. Em 2015 expande seus empreendimentos com novos polos: Jacobina (BA), Jeremoabo (BA), Lagarto (SE), Senhor do Bonfim (BA) e Tucano (BA). Nesse mesmo ano é reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) como Centro Universitário passando a ser chamada de UniAGES.

A investigação realizada desenvolveu-se num recorte qualitativo, inspirada numa abordagem fenomenológica formulada por Edmund Husserl (2014), apropriada para quando se deseja pesquisar o sentido que os sujei-

tos atribuem a determinado fenômeno (MERLEAU-PONTY, 2011). O fenômeno, por sua vez, “pode ser tudo aquilo de que podemos ter consciência, de qualquer modo que seja” (URBANO, 1996 *apud* BUENO, 2003, p. 18).

A pesquisa foi realizada junto a 170 estudantes. Para a produção dos dados empíricos foram utilizados questionário, Balanço do Saber¹ e entrevista. Nesse artigo será tratado parte dos dados coletados na entrevista aplicada a 6 estudantes ingressantes de cursos de licenciatura, escolhidos aleatoriamente. Optou-se por dois (2) universitários bolsistas do Fies, sendo um estudante do 1º período e outro do 2º período; dois (2) bolsistas do ProUni e dois (2) do ProVIDA, também em ambos os programas, um estudante do 1º período e outro do 2º período, todos eles apresentados abaixo:

Ricardo², Estudante de Física Calendário Noturno, 1º período, bolsista do ProUni. Trabalha manhã e tarde. Fernanda, Estudante de Educação Física Calendário Noturno, 1º período, bolsista do Fies. Trabalha meio turno (matutino). Jamilly, Estudante de Matemática Calendário Noturno, 2º período, bolsista do Fies. Trabalha meio turno (vespertino). Daiany, Estudante de Biologia Calendário³, 1º período, bolsista do ProVIDA. Não trabalha (cuida da avó). Bernardo, Estudante de Educação Física Calendário Alternativo, 2º período, bolsista do ProUni. Não trabalha. Mariana, Estudante de Pedagogia Calendário Noturno, 2º período, bolsista do ProVIDA. Não trabalha.

Esses estudantes falam de um lugar comum, do lugar de quem via a universidade como espaço “in-sonhável”, impraticável, inalcançável, um cenário em que jamais havia sonhado transitar. Nesse contexto, por considerar que toda relação com o saber é relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo, o sujeito é tratado como singular, aquele que interpreta o mundo e lhe confere sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele e às relações com os outros. (CHARLOT, 2000) Assim, aqui será discutido qual o sentido atribuído pelos estudantes ao mundo universitário, aos programas que financiam sua formação e o próprio saber semeado no ensino superior.

ATEORIA DA RELAÇÃO COM O SABER: ALGUNS ELEMENTOS CENTRAIS

Aprender é uma atividade da qual nenhum ser humano está isento, pois não se aprende apenas na escola mas nas diferentes relações que estabelecemos no mundo, com as pessoas, nos diversos tempos e espaços, como na empresa, na igreja, na família, na rua, na fila do supermercado, na partida de futebol... Existem diferentes figuras do aprender. Esse processo permite ao sujeito construir determinada relação com o saber, com o mundo, com os outros e consigo mesmo que engloba os modos de aprender valorizados por cada um. Nesse sentido, não há relação com o saber sem uma referência ao sujeito. O homem está condicionado a essa obrigação para construir-se, tornar-se homem e apropriar-se de uma parte do mundo. Esses processos envolvem o humanizar-se, singularizar-se e socializar-se, assim, tornar-se membro da espécie humana, ter uma história que é única, e fazer-se membro de uma sociedade num processo relacional. (CHARLOT, 2000)

O aprender faz parte da construção do homem pois decorre de sua condição inacabada. Assim, ele deve se tornar, com a ajuda da humanidade, da educação e dele próprio, ele deve terminar sua própria obra. Mas também é um ser engajado em um mundo onde age, interpreta, sobrevive, produz e é produzido. Desse modo, não há saber fora de sua relação. “Adquirir um saber permite assegurar um certo domínio do mundo no qual se vive, comunicar-se com outros seres e partilhar o mundo com eles, viver certas experiências e, assim tornar-se maior, mais seguro de si, mais independente” (CHARLOT, 2000, p.60).

Partindo dessa perspectiva, a relação com o saber é a relação de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender. (...) é o conjunto das relações que um sujeito mantém com tudo quanto estiver relacionado com ‘o aprender’ e o saber (CHARLOT, 2000). Essas relações nada mais são que a história percorrida por cada sujeito em um momento específico durante a relação com o saber. Essa heterogeneidade de relações faz o sujeito entrar em uma atividade intelectual. Essas relações podem ser determinantes para o ingresso ou

não de um sujeito na universidade e logo na atividade acadêmica. Relacionar-se com o saber é antes de tudo entrar numa relação com o mundo como conjunto de significados, mas, também como espaço de atividades, inscritos num tempo (CHARLOT, 2000).

A proposição relação com o mundo indica que não se está no mundo sob uma forma passiva. O estar no mundo pressupõe movimento, é uma intimidade com o mundo, com o outro e consigo. Por isso, “um ser vivo não está situado em um ambiente: está em relação com um *meio*” (CHARLOT, 2000, p.78). A relação com o saber é também entendida como conjunto de relações de sentido, desejo, prazer, portanto, de valor, entre um indivíduo e os processos/ produtos do saber (CHARLOT, 2000). Outro elemento de destaque na concepção de sujeito no âmbito da relação com o saber refere-se à condição de incompletude do ser, pois o indivíduo vive a buscar aquilo que satisfaça seus desejos. Assim, o autor fala de um sujeito que é um ser humano dotado de desejos e movido por eles. Aqui se insere uma relação com o aprender, pois o movimento para aprender é induzido pelo desejo, em razão da incompletude do homem. É um desejo de saber, de poder, de ser, desejo de si, desejo do outro. A relação com o saber, por se estabelecer na tríade o outro, o mundo e você mesmo, se constitui inseparavelmente articulada nas três dimensões, a saber: epistêmica, identitária e social.

A primeira dimensão evidencia o movimento do aprender como um apropriar-se de um saber colocado como objeto através da linguagem, sem referência às atividades necessárias para a constituição desse saber-objeto. Assim, “aprender é uma atividade de apropriação de um saber que não se possui, mas cuja existência é depositada em objetos, locais, pessoas” (CHARLOT, 2000, p.68); outra situação é o aprender como capacidade em usar um objeto, tornar-se capaz de dominar uma operação (material ou simbólica), “é o domínio de uma atividade “engajada” no mundo (CHARLOT, 2000, p.69); outra ideia esclarece o conceito em sua dimensão prática e não apenas teórica: aprender a nadar é diferente de aprender a natação, assim como aprender as regras de trânsito e conhecer a “anatomia de um carro” não garante que se vá aprender a dirigir. Por fim, a última

percepção ilustra no terreno do aprender, o domínio de uma relação e não mais de uma atividade. Aprender é adotar uma posição reflexiva. Aprender a ser solidário, responsável, paciente, amoroso... (CHARLOT, 2000).

A dimensão identitária faz referência ao sujeito singular, enquanto único, original. Faz referência a um sujeito portador de uma história inscrita no mundo. “Aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção da vida, suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que se quer dar de si aos outros” (CHARLOT, 2000, p.72). Por isso, toda relação com o saber é relação consigo mesmo, pois se tem nesse processo a construção de si.

A dimensão social não está separada das outras dimensões. Ela não acrescenta, mas sim contribui com as demais, como ressalva o próprio autor. Somos singulares mas também sociais. E a questão levantada pelo autor nessa dimensão é a do aprender enquanto apropriação do mundo e não apenas reduzir ao acesso a tal ou qual posição no mundo. Para compreender a relação de um indivíduo com o saber é importante levar em consideração além de sua origem social, a evolução do mercado de trabalho, do sistema escolar, das formas culturais, etc. (CHARLOT, 2000).

A Relação com o Saber não faz julgamentos entre o certo ou errado, não aponta as lacunas dos estudantes, suas carências, fragilidades, mas busca entender o que acontece com ele na vastidão do seu ser quando em situação de fracasso. Para compreender essas nuances, segundo o próprio autor, é preciso levar em consideração sua posição social, além do fato de ser um sujeito. “O que é preciso compreender é a forma social de ser singular e a forma singular de ser social” (CHARLOT, 2005, p.51). A posição social discutida pelo autor não determina direta e automaticamente o sucesso ou o fracasso escolar, e sim produz seus efeitos pelo desejo, pela atividade e história do sujeito.

As pesquisas sobre a relação com o saber podem também estar centradas na questão da desigualdade social. Elas procuram, então,

identificar e conceitualizar os processos pelos quais se constroem relações (com o saber, com a linguagem, com a escola, com o aprender, etc.) que não tem uma mesma frequência das diferentes classes sociais, mas que, no entanto, são aquelas que um sujeito singular cria com o saber, com a linguagem, etc., de modo que tais relações não conseguem nunca serem deduzidas somente da posição social de um sujeito (e ainda menos somente da posição social de seu pai) (CHARLOT, 2005, p.42).

A relação com o saber é, portanto, um olhar positivo garimpando o outro, um escrutínio do seu mundo singular e do mundo social em que se insere, é uma forma de relação com o mundo, é a proposição básica, a qual está fundada na condição antropológica, uma vez que acabam se questionando sobre a relação do sujeito humano com o mundo, consigo mesmo, bem como com os outros (CHARLOT, 2005).

Tomando como base os eixos centrais que sustentam a teoria da Relação com o Saber, o lugar central da pesquisa foi ocupado pelos estudantes que ingressaram no UniAGES no período de 2015 a 2016 mediante acesso aos programas de financiamento governamentais, tais como o ProUni e Fies, bem como o ProVIDA, programa de financiamento mantido pela própria instituição. Assim, as narrativas desses jovens emergem, no item que se segue, como elemento central para compreender a relação que estabelecem com a universidade e o saber acadêmico e com a vinculação a um programa de financiamento estudantil que viabiliza seu ingresso e sua permanência no ensino superior.

OS ESTUDANTES E SUAS NARRATIVAS SOBRE A UNIVERSIDADE E OS PROGRAMAS DE FINANCIAMENTO ESTUDANTIL

Uma das nuances da relação dos estudantes com o saber é a relação com a universidade, ou seja, os sentidos que eles atribuem ao fato de realizarem um curso universitário e as práticas que constroem nesse espaço (BICALHO, 2004). A relação, portanto, dos estudantes que compõem a amostra dessa pesquisa com a univer-

cidade é marcada pela ideia de dificuldade, medo de não obter sucesso como estudante. Dos entrevistados, todos pensavam a universidade como um espaço de alta complexidade:

Ah, eu achava que era tipo um bicho de sete cabeças [referindo-se à universidade] que era muito complicado que eu não iria conseguir passar nas disciplinas. (FERNANDA, EDUCAÇÃO FÍSICA, 1º PERÍODO, FIES).

Que era tudo difícil pra fazer, e na verdade a maioria, é tudo: trabalho, um texto que você tem que fazer, não é com suas ideias. Antes você podia fazer sem embasamento teórico e agora não, você tem que ter um filósofo lá, um pensador que defende isso. Você não tem que tá sozinho. Você tem que dizer que foi alguém que disse (MARIANA, PEDAGOGIA, 2º PERÍODO, PROVIDA).

Outros acadêmicos participantes vieram transferidos, como é o caso de Jamily. Ela obteve uma bolsa de estudos e foi estudar em Salvador (BA), capital da Bahia. No entanto, ela relata que não obteve muito êxito, retornando para o interior, referindo-se a cidade de Paripiranga (BA), onde se localiza o Centro Universitário AGES. Questionada sobre as suas expectativas antes de entrar na universidade, segue o trecho abaixo, uma referência a seu ingresso na primeira instituição, em Salvador (BA):

Ai eu fiquei meio com medo, porque, eu disse: “ não, eles tiveram uma educação melhor que a minha, eles estudaram lá na capital, tem mais coisas” [refere-se a conhecimento] (JAMILY, MATEMÁTICA, 2º PERÍODO, FIES).

O depoimento de Jamily suscita reflexões. Ela se auto inferioriza quando diz que tinha medo, pois alega que a educação oferecida nas escolas da capital seria melhor que aquela a que teve acesso, mesmo tendo cursado sua educação básica em escola privada. Um dos ingredientes que pode colaborar para compreender essa tendência a auto interiorização e/ou auto exclusão que frequente-

mente emerge na fala desses jovens está em sua origem social: filhos de famílias com baixa escolarização, com ocupações que demandam pouco ou nenhum tipo de formação profissional no seio das quais eles são os primeiros integrantes a ingressar numa instituição de nível superior (ZAGO, 2006). Sobre este aspecto, concordamos com Bicalho (2004) quando diz que a progressão da trajetória escolar dos estudantes torna-se ainda mais importante quando se leva em conta a diferença em relação a seus pais, uma vez que, na maioria dos casos, a maior parte desses não chegou a concluir os anos iniciais do Ensino Fundamental, e vários são analfabetos. Situação também encontrada em nossa pesquisa. Há outros ainda que idealizam a universidade:

É uma coisa engraçada a gente assiste televisão né? Vê lá as universidades né? Nós, eu mesmo me criei num campo sou de povoado, sou filho de povoado, aí a gente via lá aquele pessoal animado na universidade achava que ia ser outro mundo que ia ser... nossa! Nós vamos pra lá!(RICARDO, FÍSICA, 1º PERÍODO, PROUNI)

A universidade é, para alguns desses estudantes, idealizada, pensada como ‘outro mundo’, sobretudo, para estudantes residentes em municípios interioranos. A ideia de um ‘outro mundo’ aqui denota a construção de um espaço bem distante de sua realidade, o espaço de novas experiências, de conhecer pessoas novas, diferentes, de pisar em solo incomum ao que se vive no interior. Essa idealização da universidade também é apontada nos resultados da pesquisa de Bicalho (2004) quando afirma que “A valorização do ensino superior como algo importante está presente em todos os casos, mas em alguns podemos falar em idealização, construção de uma imagem muito distante da realidade.” (BICALHO, 2004, p.130)

Escolher o UniAGES para os estudantes é uma questão de proximidade. Busca-se a universidade mais próxima para estudar, isso muitas vezes porque são alunos de origem popular que não tem condições de se deslocarem para estudar em outras cidades mais distantes ou grandes capitais. Além disso, muitos fazem referência à

família, dizendo que assim podem ficar perto de seus familiares. A família é, por esses estudantes, evocada como elemento importante.

Eu escolhi a AGES porque eu já conhecia, fica perto da minha casa, eu fico perto da minha família. Fica tudo mais próximo. (BERNARDO, EDUCAÇÃO FÍSICA, 2º PERÍODO, PROUNI).

Porque é mais perto. Digamos, porque é mais acessível né? Como eu moro mais próximo é mais acessível. (MARIANA, PEDAGOGIA, 2º PERÍODO, PROVIDA).

Por ser mais próxima de minha cidade (FERNANDA, EDUCAÇÃO FÍSICA, 1º PERÍODO, FIES).

Além da proximidade, a relação com o outro também exerce um papel importante. Há uma estudante que declara ter escolhido o UniAGES por incentivo dos amigos. A relação com o saber também é uma relação que se trava com o outro (CHARLOT, 2000). Nesse sentido, concordamos com Silva (2007, p.215) quando infere que “não é possível ser estudante universitário sozinho, é possível ser estudante com outros estudantes... é na relação com os outros que desenvolvemos o pensamento individual”. O outro nos move, faz-nos sentir vivos, a relação com o outro também faz-nos alçar voos mais altos e realizar novos sonhos, o que também influencia na escolha de uma instituição para ingressar:

Teve amigos que já estudava aqui aí me indicaram me ajudaram, tipo facilitaram, me trouxeram para fazer o vestibular, explicaram os métodos, falaram que lá [refere-se ao UniAGES] era método rígido só que a pessoa passava, estudava e passava, conseguia, aí eu vim por incentivo deles, dos colegas. Foi porque já tinha gente aqui e lá pra outros lugares Alagoinhas, Salvador num tinha ninguém conhecido meu, então eu optei por uma coisa que tava mais família (DAIANY, BIOLOGIA, 1º PERÍODO, PROVIDA).

Entre outros entrevistados, encontramos a escolha pela instituição movida na oportunidade do benefício de bolsa de custeio. Lá é onde tem uma “vaga ainda não ocupada”, é o que relata esse estudante que veio de outra instituição, onde fazia Contabilidade na modalidade de Educação a Distância, mas que segundo ele não se identificou com o curso nem com o ensino a distância. Fez outro exame seletivo e tentou uma vaga em outra instituição:

Na verdade não foi nem uma questão de escolha, foi mais questão de oportunidade na...[nome da instituição onde estudava] eu tava lá, eu tava pagando. Eu fazia pago lá, aí como também eu num tava me identificando com o curso porque... é como eu te disse, eu gostava de Matemática, de números, cálculo, gostava de cálculo, eu gosto de cálculo, aí eu tava lá porque o único curso que tinha voltado pra essa área é o de contabilidade. Aí eu fui meio como queria estudar... que queria muito né? entrar numa universidade, lá [referindo-se à instituição onde estudava] num tinha nenhum outro que eu pudesse fazer e eu também num tinha tanto acesso a cidade, lá eu fazia a distância. Aí por isso que eu entrei lá em contabilidade só que quando eu cheguei lá, comecei a estudar, eu vi que não era o que eu tava querendo, aí o pessoal “ah é um curso que vai te dá muito dinheiro coisa e tal”, mas não me importa eu queria fazer o que eu gostava. Foi aí, foi quando eu tive a oportunidade de vir pra cá né? Foi uma questão de oportunismo, eu vi lá [referindo-se ao UniAGES], ali me cabe, então vamos pra lá foi essa a questão. Questão assim de eu, digo oportunidade, no sentido assim porque eu vi lá, tinha a vaguinha lá pelo ProUni né? Como eu disse, tinha feito o ENEM, tinha a vaguinha lá, duas vaguinhas na época que eu fiz, duas vagas, aí tinha aquelas duas vagas e eu fui e disse não é aqui que... e sinceramente, sinceramente eu acho que essa faculdade

aqui, é uma faculdade que pelo polo que eu tava né? Lagarto né? Aqui sem sombra de dúvidas é bem superior. (RICARDO, FÍSICA, 1º PERÍODO, PROUNI).

Pelo depoimento observamos que a possibilidade de ser beneficiado com uma bolsa é o que o mobiliza a escolher a instituição, o que pode ser explicado pela origem social dos estudantes. Estudantes de baixa renda, os primeiros da família a entrarem em uma universidade, ultrapassando a escolaridade dos pais, vêem no acesso à universidade, a partir dos programas de financiamento, a oportunidade de concretização do Ensino Superior. Após ingressar na universidade a experiência dos estudantes entrevistados tem sido marcada por estranheza, dificuldade de localizar os espaços no interior da Instituição (sala de aula, banheiro, secretaria, auditório...), dificuldade de construção dos trabalhos acadêmicos, tendência a desistir dos cursos, tal como se pode observar abaixo.

Minhas dificuldades: fichamento, PU [refere-se a um tipo de trabalho acadêmico popularmente chamado pela sigla PU, o que quer dizer Produção Única]. De início as provas, mas agora digamos que, você pega mais um jeito, se habitua mais. Em algumas, você vê que você melhorou, em outras você vê que você não vai tão bem, é isso.

Pesquisadora: *e para você como foi se locomover entre os espaços da Instituição?*

Nesse ponto aí minha filha, pra eu... olha, pra ir pra secretaria aqui, eu rodei essa Faculdade toda. Isso aqui, se for pra o professor Wilson [refere-se ao Reitor], pode falar a ele que bote umas plaquinhas aí, com os nomes maior aí, porque...(risos) me perdia direto. Tipo se era pra chegar num horário, só chegava uma hora depois porque era rodando a universidade. (MARIANA, PEDAGOGIA, 2º PERÍODO, PROVIDA)

Segundo Coulon (2008), a entrada na universidade é entendida como uma passagem considerada em três tempos, o primeiro deles é o tempo do estranhamento.

Estranham a amplitude dos espaços, muitas vezes perdem-se, sentem dificuldade de encontrar a sala, banheiro, secretaria; estranham o tempo das provas, não ocorrem como na educação básica, estranham a linguagem dos professores. Passada essa fase segue-se o tempo da aprendizagem, fase de familiarização com a instituição e de interpretação de suas regras, de seus códigos, consiste em aprender os rudimentos do ofício: de debutante a aprendiz e por fim, o tempo da afiliação, quando sentem-se membros da comunidade universitária, agora estão mais que familiarizados, possuem as competências e os etnométodos de uma cultura institucional e intelectual. Estar afiliado é, sobretudo, compreender e interpretar “os múltiplos dispositivos institucionais que regem sua vida estudantil cotidiana, como passa a saber, igualmente, o que se espera dele no plano intelectual para que possa demonstrar sua competência” (COULON, 2008, p.193). Outros estudantes entrevistados diziam sentir medo e vontade de desistir:

Ah, eu fiquei nervoso, com medo, porque era uma experiência nova pra mim, né? Quando eu cheguei já tinha trabalho, porque eu cheguei atrasado. (BERNARDO, EDUCAÇÃO FÍSICA, 2º PERÍODO, PROUNI).

No primeiro semestre pensava em desistir a todo tempo porque pelo método daqui, só que hoje eu vejo como o método daqui é um método que eu aprendo mais do que... eu já vim de outra faculdade também e tipo aqui tem é... é... PU, fichamento, essas coisa lá não tinha e tipo aqui ou você lê ou você lê, e lá não, não tinha tipo, essa obrigação assim. (FERNANDA, EDUCAÇÃO FÍSICA, 1º PERÍODO, FIES).

Outros ainda, talvez pela idealização feita sobre o que seria uma universidade, diziam que a experiência dos primeiros meses na instituição foi de empolgação:

É... tava bem mais empolgado com aquele negócio “eu tô numa universidade coisa e tal” aquele negócio novo né? Como eu te

disse que lá [referindo-se à outra Instituição onde estudou anteriormente] não era essas coisas todas, né? E... ao método de teorização tive muita dificuldade.

A relação que se estabelece com a Universidade não é a mesma que se tinha na educação básica. As exigências são outras, e o próprio espaço da Instituição induz novas relações, conforme Charlot (2001, p.18): “[...] a escola não é apenas um lugar que recebe alunos dotados destas ou daquelas relações com o(s) saber(es), mas é, também, um lugar que induz as relações com o(s) saber(es) [...]”. Imerso no ambiente universitário, o estudante para obter sucesso e não fracassar deve adaptar-se aos códigos do ensino superior, os quais destoam dos códigos do ensino médio; deve aprender a utilizar suas instruções e assimilar suas rotinas (COULON, 2008). Assim, uma das exigências universitárias reside em interpretar e compreender os vários dispositivos institucionais, além de mostrar sua competência, quando passa a saber o que se exige dele enquanto estudante acadêmico. Desse modo,

Temos sucesso quando somos capazes de criar, conscientemente, a equivalência entre regra, norma ou instrução e problema prático, graças à identificação de marcadores acadêmicos, que são os inúmeros códigos invisíveis que acompanham a vida de um estudante (COULON, 2008, p.253).

Diante disso, a universidade é para o estudante que nela igeira um atrativo, uma descoberta, vivida e experienciada diferentemente do ensino médio (COULON, 2008), sobretudo quando se é bolsista. Sobre este aspecto, os sujeitos entrevistados são estudantes bolsistas que atribuem grande importância aos programas que viabilizaram o ingresso no espaço acadêmico. Ao serem questionados sobre o que pensam a respeito do programa os estudantes bolsistas do ProUni dizem:

É ótimo (risos), é ótimo. Só posso te dizer é ótimo, é uma oportunidade pra gente de uma...é... classe social, falando no sentido financeiro, mais baixa, né? chegar a um... chegar a um curso, porque se hoje eu tivesse

que pagar aqui, eu não teria condições de tá aqui estudando, então eu acho assim que é um pouco... tá dentro do contexto, assim de, é... igualar um pouco né? dá oportunidade também a quem não tem né? (RICARDO, FÍSICA, 1º PERÍODO, PROUNI).

Eu penso que ele é muito importante, por que ele auxilia, pessoas que tem vontade em estudar e sendo assim eles vão ter maior oportunidade de entrar nas universidades. E é muito importante isso. Só que também tem o outro lado, a pessoa tem que ser muito responsável e tem que estudar, porque, você tem muita responsabilidade porque é uma bolsa, então se você não estudar, não tiver aqueles objetivos, você vai perder. Então, você tem que se dedicar e tem que estudar muito. (BERNARDO, EDUCAÇÃO FÍSICA, 2º PERÍODO, PROUNI).

É importante destacar que os estudantes bolsistas do ProUni entrevistados atribuem importância ao Programa, fazendo referência às poucas condições financeiras que os impossibilitariam de se inserir na universidade se não fossem beneficiados com a bolsa. São depoimentos que compartilham o critério de concessão de bolsa pelo ProUni, destinados a estudantes com baixa renda e que tenham cursado toda a educação básica em escola pública ou em escola privada na condição de bolsista.

Para se candidatar ao ProUni é preciso ter participado do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e alcançado uma pontuação mínima estabelecida pelo programa: só poderá pleitear uma vaga no programa quem fizer pelo menos 450 pontos no exame e não zerar a redação⁴. Outro critério para obter a bolsa é ter cursado todo o ensino médio em escola pública ou em escola particular na condição de bolsista. Também podem ser beneficiados os professores da rede pública que optem por fazer cursos de licenciatura.

Os estudantes bolsistas do Fies entrevistados compartilham de ideias semelhantes a respeito da importân-

cia do Programa: sua contribuição na inserção desse público nas universidades, porém alguns se queixam sobre a contração de uma dívida que terão que quitar após a conclusão do curso, outros se lamentam da instabilidade nas regras do Fies que resultam em insegurança quanto a conclusão dos estudos. O Fies é destinado a estudantes devidamente matriculados em instituições privadas. Para ser beneficiado por esse Programa é preciso que o candidato tenha realizado o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) a partir da edição de 2010; obtido média aritmética igual ou superior a quatrocentos e cinquenta (450) pontos; não tenha zerado a redação; tenha uma renda mensal familiar bruta per capita de, no máximo, dois e meio (2,5) salários mínimos. O estudante bolsista do Fies durante o curso de 4 anos paga uma taxa a cada três meses no valor de R\$150,00. Nos 18 meses após a conclusão do curso, o estudante fará um pagamento trimestral também no valor de R\$150,00 (período de carência). Encerrado este período, o saldo devedor será parcelado em até 3 vezes o período financiado da duração regular do curso.

Eu acho ele muito bom, por conta que ele ajuda os estudantes que não tem condição de pagar mensalidade, conseguir entrar na universidade. É tanto que agora tá tendo cortes né isso, no programa do FIES, tá prejudicando muita gente. Porque tem pessoas que sonham entrar na faculdade e por conta que não tem condições financeiras, não consegue o FIES, aí fica mais difícil (JAMILY, MATEMÁTICA, 2º PERÍODO, FIES).

Eu penso que eu vou tá devendo muito (risos) quando terminar, mas que é um programa que me ajudou porque se não fosse ele eu num estaria aqui não, porque condições financeiras não tenho. (FERNANDA, EDUCAÇÃO FÍSICA, 1º PERÍODO, FIES).

Os estudantes bolsistas do ProVIDA atribuem importância a essa modalidade de financiamento, até porque esse programa é destinado aos estudantes que não conseguiriam ser beneficiados pelo ProUni e Fies, mas ressaltam as dificuldades em atender às exigências:

captação de dois estudantes por período estudado, não conseguindo captar, o estudante pagará 10% do valor da mensalidade. A maior dificuldade apontada reside nessa captação, isso porque o estudante do ProVIDA tem uma tarefa a mais que os bolsistas dos outros programas, pois tem que captar outros estudantes, além de desempenhar seu ofício de estudante. Reclamam também do que tem que pagar quando não realizam a captação, e do valor que terão que amortizar, por um período que se estende por até 12 anos após a conclusão do curso universitário.

De início eu digo que eu pensei que era o pior programa que alguém poderia entrar. Que era interesse do dono da faculdade [...]. Na verdade, digamos assim que pega muito dinheiro. De início não né? Porque não pagamos.[...] Hoje em dia, minha visão é totalmente diferente, que a gente está vendo que o Fies está deixando os alunos de lado porque está acabando ou uma coisa e outra. E hoje em dia eu acho que ele é benéfico. E anteriormente eu não confiava muito nele. Eu achava que ia dar errado. (MARIANA, PEDAGOGIA, 2º PERÍODO, PROVIDA)

Rapaz eu acho que é uma coisa horrível isso, porque imagina, estudante nunca tem dinheiro pra nada, imagine pagar um ProVIDA, tem que recrutar alunos, é uma dificuldade muito grande.

Pesquisadora: *você já tá pagando quanto?*

Setenta e oito reais, setenta e oito reais. (DAIANY, BIOLOGIA, 1º PERÍODO, PROVIDA).

É importante destacar quão carente são os estudantes pesquisados do UniAGES. A estudante Daiany, reclama de estar no ProVIDA e ter que atualmente pagar R\$78,00 pela mensalidade, em decorrência de não ter conseguido realizar a captação de novos estudantes. Essa carência financeira também é encontrada em muitas pesquisas, a exemplo da realizada por Berger (2010) com estudante oriundos da escola pública que ingressam no Ensino Superior. Ele resalta que os estudantes

de camadas populares fazem grande esforço em busca de condições para prosseguir seus estudos. Em Teixeira (2010) também encontramos estudantes universitários egressos de escola pública que enfrentam muitas dificuldades financeiras, além de dificuldades intelectuais e acadêmicas em suas experiências universitárias. Em Zago (2006) encontramos estudantes que para suprir a lacuna da educação básica e elevarem suas chances de ingresso no ensino superior recorrem aos cursinhos, pagos com esforço redobrado, e “geralmente frequentado em período noturno e em instituições com taxas mais condizentes às suas possibilidades financeiras, ou em cursos pré-vestibulares gratuitos” (ZAGO, 2006, p.231).

Assim, especialmente para essa parcela da população, os programas de financiamento têm sido a porta de entrada para a universidade. Diante disso, foi questionado se a condição de bolsista interfere nos estudos e se haveria alguma diferença entre ser estudante bolsista e não bolsista. Sobre esse aspecto, quatro entrevistados deram respostas negativas para as duas situações questionadas. Apenas uma bolsista do ProVIDA, e um bolsista do ProUni, fizeram considerações sobre os aspectos questionados. A primeira, disse que não interfere nos estudos, mas que há uma diferença entre ser ou não bolsista, pois ressalta que o bolsista do ProVIDA tem a preocupação de pagar o curso mais adiante, e aquele que não é bolsista “já tá livre, eu tô fazendo, eu tô pagando, então não tenho mais conta nada, eu vou sair livre” (DAIANY, BIOLOGIA, 1º PERÍODO, PROVIDA). Em relação ao segundo estudante, ele diz que tem interferência nos estudos, assim faz diferença ser bolsista. Ele faz menção ao maior comprometimento que deve ter com os estudos, pois, caso contrário, corre sempre o risco de perder a bolsa.

Na verdade, no meu caso incentiva é uma coisa que eu discuto muito, também discuto no bom sentido com os meus colegas eu digo: “o aluno que é do ProUni tem uma preocupação muito grande porque eu acho assim, de certo modo injusto, porque se eu tenho direito a não... tenho direito, mas se eu perder... eu posso perder uma disciplina num período, se eu caso chegar perder duas disciplinas eu

vou perder a minha bolsa. Aí você tem aquela grande preocupação e gera até uma pressão se você tiver com dificuldade em uma disciplina você fica um pouco pressionado, eu digo por experiência própria (risos). Agora o aluno que já... já é de outros programas ele se acomoda, porque eu vi muitos colegas assim, ele quase nem liga pra fazer a prova nem ligava de fazer, se perdesse não tava nem aí vamos pra recuperação coisa e tal. Eu mesmo acho que se eu for pra recuperação sinceramente eu já perco ali só de ir, só de ir pra mim já tá perdido porque meu psicológico já vai tá afetado, então eu tento não ir tanto é que eu não fiz nenhuma ainda. (RICARDO, FÍSICA, 1º PERÍODO, PROUNI).

A partir do depoimento é possível inferir que uma grande parte dos estudantes pesquisados que não são bolsistas do ProUni (155 do total de 170 que participaram da pesquisa respondendo ao questionário, Balanço de Saber) podem não ter um comprometimento com os estudos tal qual os alunos bolsista do ProUni, pois a pressão do medo de perder a bolsa os fazem se empenhar mais, estudar mais, exercer com mais afinco seu ofício de estudante. É importante destacar que, excetuando esses dois depoimentos, foi unânime a negatividade em relação a algum preconceito pela condição de bolsista; todos veem com muita naturalidade e os colegas se respeitam, alguns mencionam que a maioria dos estudantes é bolsista de algum programa, então não há porque ter preconceito, e quem ainda não é, busca informações de como conseguir esse tipo de financiamento.

Destaquemos que o fato de ser bolsista pode produzir no estudante uma pressão maior quanto o desempenho acadêmico, pois é preciso evitar reprovações em disciplinas e assim garantir a bolsa até a finalização do curso. Diante disso, a importância atribuída ao saber intelectual e acadêmico pode advir não do prazer de estudar, mas sim da necessidade de assegurar o financiamento viabilizado pela bolsa evitando reprovação e ampliando as possibilidades de realização do sonho do diploma superior e de uma vida melhor.

O cancelamento da bolsa do ProUni, mencionado pelo estudante, pode ocorrer nos seguintes casos, segundo o MEC (2015):

- não realização de matrícula no período letivo correspondente ao primeiro semestre de usufruto da bolsa, ou seja, o bolsista é contemplado com a bolsa, mas não comparece à instituição para efetivar a sua matrícula;
- encerramento da matrícula do bolsista, com conseqüente encerramento dos vínculos acadêmicos com a instituição;
- matrícula, a qualquer tempo, em instituição pública gratuita de ensino superior;
- conclusão de curso no qual o bolsista está matriculado, ou qualquer outro curso superior, em qualquer instituição de ensino superior;
- não aprovação em, no mínimo, 75% do total das disciplinas cursadas em cada período letivo;
- inidoneidade de documento apresentado à instituição ou falsidade de informação prestada pelo bolsista, a qualquer momento;
- término do prazo máximo para conclusão do curso no qual o bolsista está matriculado;
- constatada mudança substancial da condição socioeconômica do estudante.
- usufruto, simultâneo, em cursos ou instituições de ensino diferentes, da bolsa de estudo, concedida pelo Prouni e do financiamento do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – Fies;
- quando o estudante deixar de apresentar documentação pendente na fase de comprovação das informações, referente ao seu ingresso na instituição. Exemplificando: o estudante selecionado pelo Prouni que concluiu o ensino médio, mas ainda não possui o certificado;
- acúmulo de bolsas do Prouni pelo estudante; solicitação do bolsista;
- decisão ou ordem judicial;
- evasão do bolsista;
- falecimento do bolsista.

No que se refere ao Fies, segundo a Portaria Normativa Nº 15, de 8 de julho de 2015, poderá ocorrer o encerramento da utilização do financiamento nas seguintes condições:

Art. 23. Constituem impedimentos à manutenção do financiamento:

I - a não obtenção de aproveitamento acadêmico em pelo menos 75% (setenta e cinco por cento) das disciplinas cursadas pelo estudante no último período letivo financiado pelo Fies, ressalvada a faculdade prevista no § 1º deste artigo;

II - a constatação, a qualquer tempo, de inidoneidade de documento apresentado ou de falsidade de informação prestada pelo estudante, ou seu representante legal, e pelo(s) fiador(es) do financiamento à instituição de ensino superior, à CPSA, aos agentes financeiro e operador do Fies ou ao Ministério da Educação;

III - o decurso do prazo de utilização do financiamento, ressalvadas as condições de dilatação do financiamento;

IV - a mudança de curso por mais de uma vez ou após 18 (dezoito) meses do início de utilização do Fies, ressalvada a hipótese do parágrafo único do art. 2º da Portaria Normativa MEC nº 25, de 22 de dezembro de 2011; (*Redação dada pela Portaria Normativa 23/2013/MEC*)

V - o não aditamento do contrato de financiamento nos prazos regulamentares;

VI - a perda da condição de estudante regularmente matriculado;

VII - a constatação do benefício simultâneo de financiamento do Fies e de bolsa do Prouni, salvo quando se tratar de bolsa parcial e ambos se destinarem ao mesmo curso na mesma instituição de ensino superior;

VIII - o falecimento ou invalidez permanente do estudante financiado, observadas as condições estabelecidas no § 2º deste artigo.

O Fies não assume os gastos financeiros referente às disciplinas em que o estudante sofreu reprovação,

devido o próprio estudante arcar com esse custo. O mesmo ocorre com o ProVIDA: o aluno reprovado em uma disciplina pagará o equivalente a ela quando estiver cursando-a novamente. Diante disso, embora os estudantes bolsistas declarem experimentar uma certa pressão diante desses requisitos, dizem que se não tivessem obtido o benefício do financiamento assegurado por um dos programas, não estariam na universidade. Um deles (Ricardo) diz que estaria estudando para concurso, ou que tentaria um emprego; outros (a exemplo de Bernardo) indicam que estariam empenhados em fazer o ENEM quantas vezes fossem necessárias para conseguir a bolsa que hoje tem, os outros 4 entrevistados dizem que sem a bolsa estariam com pouca perspectiva de estudo, trabalho qualificado, melhoria de vida.

Não sei, acho que eu estava em casa ou tinha ido pra São Paulo com a minha mãe. Tava trabalhando lá, sem estudar. Ou estudando em uma faculdade lá, se conseguisse uma bolsa. Possivelmente era isso, mas se não tivesse entrado na faculdade aqui, tava em São Paulo trabalhando, ou em casa, na roça, digamos assim, sem trabalhar (MARIANA, PEDAGOGIA, 2º PERÍODO, PROVIDA).

Eu estaria em casa provavelmente desesperada atrás de um emprego que não tá fácil arrumar, ainda mais só com o Ensino Médio completo aí ia ser muito difícil (DAYANE, BIOLOGIA, 1º PERÍODO, PROVIDA).

Os programas que concedem bolsas para o ensino superior favorecem a diversidade na universidade. Eles ensejam oportunidades de ascensão profissional e cultural e democratizam o ensino superior nas IES privadas, levam oportunidade a quem não tem condições de custear as mensalidades nas instituições privadas e tampouco consegue uma vaga na universidade pública. Por serem bolsas destinadas à população de baixa renda, os estudantes entrevistados apontam primeiramente a situação financeira como um impedimento, um obstáculo para a conclusão do curso:

Eu tenho muito medo de não conseguir, tipo não conseguir acompanhar o método da AGES porque querendo ou não, fazer texto teorizado é muito difícil, com competências e também a questão financeira, porque eu moro com a minha avó aí ela paga tudo, minhas despesas daqui... eu não tenho nenhum trabalho, então eu tenho medo de um dia o dinheiro dela não dá pra tudo, então eu tenho medo de ter que largar e ter que pagar tudo o que eu já... e parar o sonho pela metade e ter que pagar o que eu já sonhei (DAYANE, BIOLOGIA, 1º PERÍODO, PROVIDA).

O medo dos estudantes é não ter condições financeiras de continuar, mesmo sendo bolsistas, pois ainda têm gastos com transporte, materiais de estudo, cópias, alimentação. Quando a estudante Dayane menciona “ter que pagar o que eu já sonhei”, evidencia que o curso superior é um sonho que começa a se realizar com o benefício da bolsa. Além das condições econômicas, os estudantes apontam para as dificuldades vivenciadas no ofício de estudantes em relação aos trabalhos e exigências acadêmicas:

[...] Assim tem dias que você pensa em desistir porque cada dia inventam uma coisa assim. Tipo a PU era mais fácil de fazer, não tinha tanta exigência. Hoje em dia já tem. Hoje bati a tarde todinha pra ler caso, escolher qual caso e não consegui fazer ainda, né? E é pra amanhã. Essas questões me desanima. E assim, em relação ao curso de pedagogia porque ele é bem desvalorizado. Isso me desanima também. Porque quando alguém te pergunta, que curso você faz? Pedagogia: a pessoa olha, tipo não presta, até as crianças mesmo. As próprias crianças já chegam e dizem: “aff estudando pra ser professora”, não que eu seja uma má professora, mas pela fama de ser professor, que não é fácil (MARIANA, PEDAGOGIA, 2º PERÍODO, PROVIDA).

A desvalorização do curso, além das dificuldades na realização dos trabalhos é uma constante entre os estu-

dantes. Isso reforça que a relação que se estabelece com o saber na universidade difere da vivida na educação básica, isso porque as exigências são outras. Segundo Bicalho (2004), a universidade oferece novos elementos para o desenvolvimento da relação dos estudantes com o saber. Assim, para muitos estudantes pesquisados o maior obstáculo depois das condições financeiras é nos espaços da universidade. Outros dizem que o tempo é o seu maior obstáculo, isso porque tem que conciliar trabalho e estudo. Essa é uma situação também presente no resultado da pesquisa feita por Coulon (2008) no ensino superior francês: uma das principais dificuldades apontadas pelos estudantes que compõem a amostra de sua investigação é a gestão do tempo. Para enfrentar e ter chances de sucesso na vida universitária é necessário gerir o tempo entre sua vida de estudante, o trabalho e a família. Assim, os que trabalham, apontam a falta de tempo para os estudos como uma grande desvantagem em relação aos outros estudantes que não trabalham, pois lhe falta tempo para ler, escrever e realizar os trabalhos exigidos.

Outros estudantes ainda, sobretudo, os que são bolsistas do ProUni e não trabalham dizem não ver obstáculo algum, apenas dificuldades em algumas disciplinas, que podem ser facilmente superáveis com estudo e dedicação:

Eu acho que não tem... assim, tem algumas dificuldades em relação a algumas disciplinas, mas eu acho que se me dedicar mais, estudar mais, eu consigo passar. Eu não preciso trabalhar, tenho tempo livre pra estudar. Então não tem porque eu dizer que eu vou perder minha bolsa por algum problema relacionado a professor, nem a disciplina, nada disso. Eu tenho que ter a minha responsabilidade de estudar e ter essa consciência de que o meu futuro está nas minhas mãos. Eu não tenho que esperar que professor nenhum, nem ninguém me passe, eu que tenho que conseguir com meus próprios méritos. Então eu não acho que tenha nenhum empecilho até agora de eu terminar minha faculdade (BERNARDO, EDUCAÇÃO FÍSICA, 2º PERÍODO, PROUNI)

Percebemos que no depoimento é bem evidenciada a necessidade de postura ativa dos estudantes no processo de apropriação do saber acadêmico. Ele menciona a importância da responsabilidade de estudar e da consciência de que o futuro depende dele. Disso, se extrai que, para ter sucesso como estudante, não se pode esperar tudo do professor. Ao serem questionados sobre esses aspectos, os estudantes entrevistados apontaram que para ter sucesso como estudante universitário é necessário estudar, ler muito (4); ter dedicação (2); ter tempo disponível (2); os valores humanos (1); ir além do que se traz em sala de aula (1)

Eu acho que o primeiro, além de sua própria vontade, do seu querer, vem também outra questão o tempo disponível né? Para os seus estudos e tem no meu caso como eu trabalho também o dia todo aí eu tenho um pouquinho de dificuldade nesse sentido às vezes. Não tenho tempo de estudar, às vezes eu tenho que acordar mais cedo um pouco pra poder estudar aí fica difícil que eu chego em casa tarde aí acordar cedo pra poder estudar você tem que tá muito focado no que você quer né? (RICARDO, FÍSICA, 1º PERÍODO, PROUNI).

Observemos que a questão do tempo é recorrente nos depoimentos. Destaquemos que o estudante evoca, além do tempo, o desejo, a vontade de estudar, além de evidenciar ações para gerenciar esse tempo como acordar mais cedo. Segundo Charlot (2009), um sujeito só tem desejo, vontade de saber quando esse saber faz sentido para ele. Ricardo adora cálculo, o cálculo tem sentido para ele, por isso ele tem desejo de saber, de conhecimento e mesmo com pouca disponibilidade de tempo foca nos estudos.

Tem que estudar. Só que eu não tenho que viver enfiado no quarto só estudando, eu tenho que me divertir. Só que eu tenho que pensar assim, que a mesma medida que eu tenho que me divertir, eu tenho que estudar. Porque uma coisa leva a outra. Porque se eu não estudar, eu vou me prejudicar, e se eu

me prejudicar eu vou perder minha bolsa, e eu não posso pensar assim, ah eu vou me divertir e amanhã eu estudo (BERNARDO, EDUCAÇÃO FÍSICA, 2º PERÍODO, PROUNI)

Estudar para Bernardo é o que resume a fórmula de ter sucesso como estudante universitário. Para isso, é fundamental aprender os códigos que balizam a vida intelectual e proceder de maneira que os professores reconheçam que os estudantes apresentam um domínio suficiente para exercê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sucesso dos estudantes entrevistados do UniAGES é marcado, inicialmente, pela possibilidade de ingressar na universidade por meio dos programas Fies, ProUni e ProVida. Reconhecem neles a oportunidade de fazer um curso universitário, realizar sonhos, ter um emprego e a esperança de uma vida melhor. Essa condição de bolsista exige que esses estudantes se engajem com mais afinco em seus estudos a fim de evitar que reprovações resultem no cancelamento do financiamento. Consoante, a relação dos estudantes com os programas é de satisfação, embora com a pressão dos requisitos, e dos reveses e instabilidades. São estudantes que rompem barreiras e buscam por meio das bolsas a realização de seus sonhos.

A relação dos estudantes com a universidade é baseada, primeiramente, na proximidade geográfica; depois a visão desse espaço acadêmico como uma conquista antes inalcançável, agora, sendo bolsistas, passível de realização. São estudantes, em sua maioria, que não cursam a formação que realmente desejavam, que vêm nas condições econômicas e nas exigências da universidade obstáculos para concluir o curso, mas também são estudantes que atribuem a si mesmos, o caminho para o sucesso, sua dedicação, seu empenho, seu estudo. Assim, evidenciam ações para gerenciar o tempo e conciliar estudo, trabalho, família...

Outra situação também evidenciada na relação com a universidade é a necessidade de assumir uma postura

ativa no processo de apropriação do saber acadêmico. A importância de se desenvolver o espírito pesquisador, leitor, questionador e consciente de que o futuro depende dele. Disso, se extrai que, para ter sucesso como estudante, não se pode esperar tudo do professor, logo se depreende mais uma vez que a relação com o saber na universidade é diferente da estabelecida na educação básica.

Além da proximidade, a relação com o outro também exerce um papel importante na escolha de qual universidade estudar. O incentivo dos amigos também é declarado pelos estudantes como elemento importante nessa escolha. Amigos costumam indicar a universidade onde estudam. A relação com o saber também é uma relação que se trava com o outro.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Miguel André. Trajetória e progressão do aluno da escola pública no ensino superior: desafios e relação com o saber. In: CHARLOT, Bernard. (org.) **Juventude popular e universidade**: acesso e permanência. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.
- BICALHO, Maria Gabriela Parenti. **Ensino Superior Privado, Relação Com o Saber e Reconstrução Identitária**. Belo Horizonte, 2004, 194 páginas. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais.
- BRASIL. Dispõe sobre o aditamento de contratos de financiamento do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies) e dá outras providências. **Portaria Normativa Nº 15, de 8 de julho de 2015**. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/ActionDatalegis.php>> Acesso em 19 de dezembro de 2016.
- BUENO, Enilda Rodrigues de Almeida. Fenomenologia: a volta às coisas mesmas. In: PEIXOTO, A. J. **Interações entre fenomenologia e educação**. Campinas: Alínea, 2003.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- _____. A noção da relação com o saber: bases de apoio teórico e fundamentos antropológicos. In: _____ (org.). **Os jovens e o saber**: perspectivas mundiais. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Tradução de Sandra Loguercio. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. Bernard. **A relação com o saber nos meios populares uma investigação nos liceus profissionais.** Tradução de Catarina Matos. Porto - Portugal: LEGIS, 2009.

COULON, Alain. **A condição de estudante:** a entrada na vida universitária. Tradução de: Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

HUSSERL, E. **A Ideia da Fenomenologia.** Trad. Artur Morão. Lisboa, Port.: Edições 70, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

SILVA, Veleida Anahí da. **Conexões e saberes:** um desafio, uma aventura, uma promessa. São Cristóvão/SE: Editora da UFS, 2007.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. Jovens universitários de origem popular: caminhos entre o acesso e a permanência na universidade pública. In: CHARLOT, Bernard (org). **Juventude popular e universidade:** acesso e permanência. São Cristóvão: Nossa Gráfica, 2010.

VIEIRA, Karina Sales. **Estudantes Universitários de uma instituição privada e suas Relações com o Saber:** de espectadores a protagonistas. São Cristóvão, 2017, 214 páginas. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Sergipe.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 32, p.226-370, maio/ago. 2006.

NOTAS

- 1 É uma técnica elaborada por Bernard Charlot que consiste no processo da produção de um texto pelos sujeitos/estudantes, a partir das seguintes questões: “Desde que nasci, aprendi muitas coisas, em casa, na rua, na escola e em outros lugares... O quê? Com quem? O que é importante para mim nisso tudo? E agora, o que eu espero?”
- 2 Os nomes usados nesse artigo para referenciar os entrevistados são todos fictícios a fim de preservar a identidade dos estudantes participantes da pesquisa.
- 3 São estudantes que chegam quinta à noite e retornam para as suas cidades aos sábados depois da aula, por volta das 18h.
- 4 Informação disponível no site oficial do ProUni: <http://siteprouni.mec.gov.br/>

OS AUTORES

Karina Sales Vieira é Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, pesquisadora do Grupo de Estudos Educação e Contemporaneidade - EDUCON/ UFS. Atualmente é professora no Centro Universitário AGES, Paripiranga (BA). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil. Contato: vieirask@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7763-8569>.

Ana Maria Freitas Teixeira é Doutora em Ciências da Educação, Universidade de Paris 8. Pesquisadora do Grupo de Estudos Educação e Contemporaneidade – EDUCON/UFS. Atualmente é Professora Associada do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT/UFRB). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, (UFRB/CECULT), Brasil. Contato: anabrteixeira@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-9029-3676.